



RICARDO GIL SOEIRO

A SOMBRA QUE ILUMINA

A POESIA DE
ANTÓNIO FRANCO
ALEXANDRE

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXX

Este trabalho é financiado
por fundos nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia,
I.P., no âmbito do projecto UIDB/00509/2020.

© 2020, Ricardo Gil Soeiro
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

TÍTULO

A Sombra que Ilumina.
A poesia de António Franco Alexandre

AUTOR

Ricardo Gil Soeiro

REVISÃO

Tinta-da-china

COMPOSIÇÃO

Tinta-da-china

CAPA

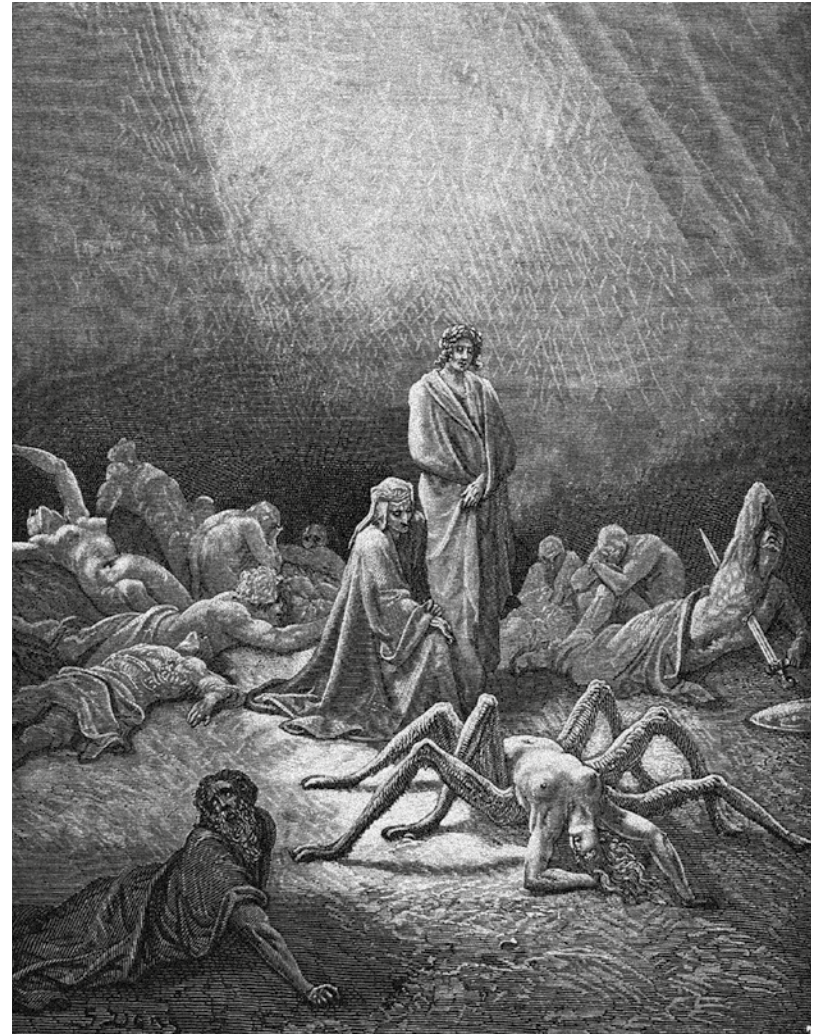
Tinta-da-china (V. Tavares),
a partir de *Arachne* (1861),
de Gustave Doré

1.º EDIÇÃO

Dezembro de 2020

ISBN: 978-989-671-591-5
DEPÓSITO LEGAL N.º 477937/20

À minha filha, Alice.
Ao meu amor, Catarina.
Quando estas brasas ficarem reduzidas a cinza,
quem se recordará do seu calor?



ARACHNE (1861), DE GUSTAVE DORÉ

*é altura de definir, precisamente, o poema: um arco,
a sombra que ilumina
o lugar onde nada se vê*

Antônio Franco Alexandre, *Poemas* (P: 321)

ÍNDICE

<i>Siglas utilizadas</i>	13
I Da vertigem afásica à arte do improviso	15
II Da contiguidade dos seres: o dom da metamorfose	21
III O ligeiro átomo que ri: cenografias do devir	57
IV A visão, o primado da matéria e os direitos dos objectos	75
V O lúcido lume do poema: da poética do fogo à estética da cinza	93
VI O ponto-de-luz do oscilar	103
VII Câmara de ninguém: a mensagem na garrafa	111
VIII Das coisas possíveis nunca reais à perfeita esfera dos versos	119
IX Da memória do enigma ao segredo da abelha	131
X Do abismo da pergunta à magia dos destroços	141
<i>Bibliografia</i>	149
<i>Notas biográficas</i>	163

SIGLAS UTILIZADAS

As obras de António Franco Alexandre são indicadas no texto pelas siglas abaixo. Exceptua-se o livro de estreia do autor, *Distância* (1969), excluído da recolha poética *Poemas* (1996).

A *Aracne*

D *Duende*

F *Uma Fábula*

M *As Moradas 1 & 2*

O *Oásis*

OP *Os Objectos Principais*

P *Poemas*

PF *A Pequena Face*

QP *Quatro Caprichos*

SPNC *Sem Palavras nem Coisas*

V *Visitação*

As respectivas referências bibliográficas são facultadas no final do volume.

DA VERTIGEM AFÁSICA À ARTE DO IMPROVISO

Hilda Hilst disse algures que é triste e inútil explicar um poema.¹ «Se um poema precisar de ser explanado, é uma falha de comunicação», corroborará de forma lapidar Ferlinghetti (2016: 29). Reconhecendo embora a vertigem afásica que, inicialmente, afecta todo o acto crítico, é forçoso reconhecer também a urgência de uma contrapalavra que se ergue, tributária e desafiante, à perplexidade que nos incita e que nos convida à exegese – dívida de amor que, através da leitura, contraímos perante a aventura pluralizada do sentido. Simultaneamente precário e triunfante, todo o acto crítico instaura, assim, a possibilidade de o Outro inscrever no texto a sua própria assinatura.

Afirmá-lo não dissipa, obviamente, a dificuldade que encerra a tarefa árdua que é falar de poesia. Em António Franco Alexandre uma tal dificuldade torna-se particularmente premente, não só em função do requinte oficial em que se plasmam as suas complexas composições, mas sobretudo pela diáfana opacidade em que se cifram os versos alexandrinos.²

¹ *Vide*: «É triste explicar um poema. É inútil também. Um poema não se explica. É como um soco. E, se for perfeito, te alimenta para toda a vida. Um soco certamente te acorda e, se for em cheio, faz cair tua máscara, essa frívola, repugnante, empolada máscara que tentamos manter para atrair ou assustar. Se pelo menos um amante da poesia foi atingido e levantou de cara limpa depois de ler minhas esbraseadas evidências líricas, escreva, apenas isso: fui atingido. E aí sim vou beber, porque há de ser festa aquilo que na Terra me pareceu exílio: o ofício de poeta» (Hilst, 1998: 53).

² Esta afasia que afecta o gesto crítico tem sido amplamente assinalada pela exegese alexandrina. O seguinte testemunho de Luís Miguel Nava é particularmente elucidativo a este respeito: «a sensação de afasia por que ao primeiro contacto com ele somos

- STOICHITA**, Victor (2016), *Breve História da Sombra*, Lisboa, KKYM.
- STOICHITA**, Victor (2018), *Les fileuses de Vélazquez. Textes, textures, images*, Paris, Fayard.
- SZYMBORSKA**, W. (1998), *Paisagem com Grão de Areia*, Lisboa, Relógio D'Água.
- TAVARES**, Gonçalo M. (2013), *Atlas do Corpo e da Imaginação. Teoria, Fragmentos e Imagens*, Alfragide, Caminho.
- TAVARES**, Gonçalo M. (2018), *Breves Notas Sobre Literatura – Bloom. Dicionário Literário*, Lisboa, Relógio D'Água.
- TAVARES**, Maria Andresen de Sousa (2001), *Poesia e Pensamento. Wallace Stevens, Francis Ponge, João Cabral de Melo Neto*, Lisboa, Caminho.
- TRAGORE**, Raindranath (2016), *A Asa e a Luz*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- TUBRIDY**, Derval (2018), *Samuel Beckett and the Language of Subjectivity*, Cambridge/Nova Iorque, Cambridge University Press.
- VALÉRY**, Paul (1955), *Correspondance Gide-Valéry*, Paris, Gallimard.
- VALÉRY**, Paul (1993), *Oeuvres*, vol. 1, Paris, Gallimard.
- VALÉRY**, Paul (1994), *Apontamentos. Arte, Literatura, Política & Outros*, Lisboa, Editora Pergaminho.
- VALÉRY**, Paul (2020), *Discurso sobre a Estética. Poesia e Pensamento Abstracto*, Lisboa, Nova Vega.
- VATTIMO**, Gianni (1988), *As Aventuras da Diferença*, Lisboa, Edições 70.
- VECK**, Bernard (1993), *Francis Ponge ou le refus de l'Absolu Littéraire*, Liège, Mardaga.
- VILA-MATAS**, Enrique (1997), *História Abreviada da Literatura Portátil*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- VOUILLOUX**, Bernard (1998), *Un art de la Figure: Francis Ponge dans l'atelier du peintre*, Paris, Presses Universitaires du Septentrion.
- WALSER**, Robert (1997), *Träumen*, Zúrique/Frankfurt, Suhrkamp Verlag.
- WHITMAN**, Walt (2010), *Folhas de Erva*, Lisboa, Relógio D'Água.
- WHITMAN**, Walt (2012), *Visões Democráticas*, Guimarães, Opera Omnia.
- WITTGENSTEIN**, Ludwig (2002), *Tratado Lógico-Filosófico/ Investigações Filosóficas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- WITTGENSTEIN**, Ludwig (2011), *Observações sobre «O Ramo Dourado de Frazer»*, Porto, Deriva.
- WITTGENSTEIN**, Ludwig (2019), *Cultura e Valor*, Lisboa, Edições 70.
- WOOLF**, Virginia (1982), *To the Lighthouse*, Londres, The Hogarth Press.
- WOOLF**, Virginia (1986), «The Value of Laughter», in: *The Essays of Virginia Woolf*, vol. I, 1904–1912, Londres, pp. 58-60.
- WOOLF**, Virginia (1988), *As Ondas*, Lisboa, Relógio D'Água.
- ZAMBRANO**, María (1993), *Metáfora do Coração*, Lisboa, Relógio D'Água.
- ZAMBRANO**, María (1994), *Os Sonhos e o Tempo*, Lisboa, Relógio D'Água.
- ZAMBRANO**, María (1995), *Clareiras do Bosque*, Lisboa, Relógio D'Água.
- ZAMBRANO**, María (2006), *O Sonho Criador*, Lisboa, Assírio & Alvim.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Poeta e ensaísta, **RICARDO GIL SOEIRO** (n. 1981) aproxima-se da escrita como se de um alfabeto luminoso se tratasse, plasmado numa obra em que se entrelaçam, em mútua ressonância, poesia e ensaio. No domínio ensaístico, tem vários livros publicados, entre os quais *Gramática da Esperança* (2009), *Poéticas da Incompletude* (2017), *Volúpia do Desastre* (2019) e *O Enigma Claro da Matéria* (2019). Organizou o volume *As Artes do Sentido* (Relógio D'Água, 2017) e co-editou *Paul Celan: Da Ética do Silêncio à Poética do Encontro* (2014), *Das Cinzas do Silêncio à Palavra do Fogo* (2018) e *O Nada Virado do Averso* (2019). No domínio da poesia, tem revelado um percurso singular que integra obras como *Caligraphia do Espanto* (2010), *Labor Inquieto* (2011) ou *Da Vida das Marionetas* (2012). Em 2012, veio a lume *L'apprendista di enigmi*, uma antologia poética traduzida para italiano. Com *Iminência do Encontro* foi galardoado com o Prémio PEN Clube Português – Primeira Obra 2010. Com o livro *A Sabedoria da Incerteza* foi finalista do Prémio PEN de Ensaio 2016. Com o livro *Palimpsesto* foi finalista do Prémio Autores 2017 – SPA, na categoria de Literatura – Melhor Livro de Poesia. Com *A Rosa de Paracelso* foi finalista do Grande Prémio de Literatura DST 2018. Em 2019, foi distinguido pelo Instituto Cultural Romeno com o título honorário *Amicus Romaniae 2019*. É professor de Estudos de Literatura, Arte e Cultura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador no Centro de Estudos Comparatistas, FLUL.

ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE (Viseu, 1944)* estudou Matemática e Filosofia em França (Toulouse e Paris) e nos EUA (Harvard). Foi professor de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicou a sua primeira obra, *Distância*, em 1969, em edição de autor, vindo a retirá-la do seu *corpus* poético. O segundo título seria *Sem Palavras nem Coisas* (1974). Em *Poemas* (1996) reuniu a poesia editada em livro e poemas dispersos em publicações periódicas. Poeta enquadrado na geração que se revelou na década de 1970, e pertencendo ao elenco de poetas da editora Assírio & Alvim a partir de *A Pequena Face* (1983), a sua produção tem vindo a pautar-se por uma poética omniforme, intensamente alusiva, esquivando-se à apresentação unívoca de um sentido. Óscar Lopes, num ensaio em que afere a poética do autor de *Os Objectos Principais* (1979) e *Visitação* (1983) pelo modo como intensifica a negatividade pessoana, afirmou que «no texto geral da obra de António Franco Alexandre, a ostensiva negação ou sem-sentido (ou sem-razão), ou ausência, ou silêncio, o que quer que se apague em brancura situa-se sempre num limite, ou limiar, que, em vez de excluir o *sim*, e/ou o seu *não*, antes parece erguer dúvidas sobre a dualidade dos valores lógicos clássicos e sobre o alcance de qualquer dito». Estamos, assim, perante uma escrita que descrê das certezas frequentemente imputadas a algo como um (*seu*) lugar: em António Franco Alexandre, assevera Américo Lindeza Diogo, «a voz poética (expressão usual quando queremos, nestas coisas, falar de identidades), dá-se a ouvir na medida, justa mas dificilmente avaliável, de um seu muito próprio desaparecer numa espécie de espaço de epigonização sem origem». Após a edição de *Poemas* (1996), surgiram *Quatro Caprichos* (1999) e *Uma Fábula* (2001), a que se seguiu a publicação de dois livros, amplamente aplaudidos pela crítica: *Duende* (2002) e *Aracne* (2004). É um dos poetas mais celebrados no panorama da

poesia portuguesa contemporânea, contando-se entre os seus leitores, além dos já citados, Luís Miguel Nava, Joaquim Manuel Magalhães, Pedro Serra, Gastão Cruz, João Barrento, Fernando Pinto do Amaral e Frederico Lourenço. Foi agraciado com diversos prémios literários, incluindo o Prémio PEN de Poesia (1984), o Prémio de Poesia Luís Miguel Nava (1999), o Grande Prémio de Poesia APE/CTT (1999), o Prémio D. Dinis (2002) e o Prémio Literário Casino da Póvoa (2005).

*Adaptação da nota biográfica incluída em: Osvaldo Silvestre, Pedro Serra (org.), *Século de Ouro: Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Angelus Novus & Cotovia, 2002, p. 607.



«Preciso de lançar frases ao mesmo tempo suficientemente ousadas e saindo apenas de mim, mas também suficientemente sólidas – e tornar o meu passo suficientemente leve, para que o meu corpo sem as romper nelas se apoie para imaginar –, lançar outras em sentido diverso – e mesmo em sentido contrário, para que tão perfeitamente urdida seja a minha obra, que a minha pança possa desde então nela repousar, esconder-se, e que eu possa a ela convocar as minhas presas – vós leitores, vós, atenção dos meus leitores – a fim de vos devorar a seguir em silêncio (aquilo a que se chama a glória)...

Sim, de repente, de um canto da sala eis-me em grandes passadas a precipitar-me sobre vós, ó atenção dos meus leitores apanhada na armadilha da minha obra de baba; e não é o momento menos divertido do jogo: é aqui que vos pico e vos ponho a dormir.»

—FRANCIS PONGE, *A Aranha*



A
SOMBRA
QUE ILUMINA
foi composto
em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Eigal,
Indústria Gráfica, em papel Coral
Book de 80 g, no mês
de Dezembro de
2020.